
Diva pop da política brasileira: Erika Hilton e os contrafluxos da diferença¹Mariana Ramalho PROCÓPIO²

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

Maurício João VIEIRA FILHO³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

No mesmo país em que imperam recordes de mortes de pessoas trans no mundo, Erika Hilton é a primeira mulher travesti negra a ser eleita como deputada federal. Neste trabalho, discutimos como a imagem de uma diva pop opera no fazer político de Erika Hilton como uma estratégia discursiva e política. Embasados pelo conceito de regionalidades como contrafluxo da diferença (Mafra; Generoso; Procópio, 2023) para uma leitura do fenômeno, avançamos por uma perspectiva discursiva com vistas a entender a construção do *ethos* de diva pop da política brasileira a partir de materiais audiovisuais nos quais Erika Hilton aparece como entrevistada.

PALAVRAS-CHAVE: Erika Hilton; ethos; diva pop; regionalidades; discurso.

Em 2023, Erika Hilton toma posse como deputada federal após disputar a eleição e receber mais de 250 mil votos. Essa conquista inédita faz com que seja a primeira vez que o Congresso Nacional tenha a atuação de representantes trans — junto à Erika Hilton, Duda Salabert também foi eleita para o cargo no mesmo período de mandato. Porém, ao mesmo tempo dessa mudança no espaço da política institucional, dominado por homens cisgêneros e heterossexuais, o Brasil permanece na liderança dos países mais transfóbicos. Em 2023, é a 15.^a vez consecutiva que o país é considerado o que mais mata pessoas trans e travestis, tendo 145 assassinatos registrados nesse ano, um aumento de 10% em relação ao ano anterior (Benevides, 2024).

Além do imperativo das violências, a política brasileira está em uma esteira de constantes disputas pela retirada das questões de gênero e sexualidade das pautas de direitos e de tentativas de avanços conservadores e morais visados por bancadas fundamentalistas e de alinhamento à extrema-direita política, em aberturas arregimentadas com maior força durante o mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro.

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Atua como docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: mariana.procpio@ufv.br.

³ Doutorando em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista Capes. E-mail: mauriciovieiraf@gmail.com.

Quando questionada por Will Paranhos (2023) sobre como vai legislar ao lado de parlamentares com histórico LGBTfóbico, Erika Hilton responde que a estratégia a ser adotada é o diálogo juntamente ao confronto, à denúncia e à resistência com vistas a gerar uma mobilização capaz de colocar em questionamento às pautas conservadoras.

Além das estratégias de ordem prática no cotidiano parlamentar, Erika Hilton tem assumido uma construção de imagem que se atrela aos processos de divatização de artistas da cultura pop. Conforme propõe o pensamento de Linda Lister (2020), a divatização se refere ao empoderamento feminino e à devoção dos fãs, principalmente com cantoras pop, cujo impulso se dá com os cultos às celebridades em um contexto de midiaticização. Trata-se, também, do desejo de fãs em se parecer com uma celebridade, copiando-a e reproduzindo comportamentos, assim como um endeusamento para adorá-la e acompanhá-la. Por essa apreensão, apostamos que se tornar uma diva pop vai muito além da glamorização que a contorna, mas envolve a complexidade de jogos estratégicos para ressignificação de si e de busca por apoios e admiração.

Embora, *a priori*, a relação entre uma diva pop e a política possa parecer incabível pelas regras e normatizações que guiam os espaços institucionais da política no Brasil, um avanço teórico-reflexivo proposto pelas perspectivas de Luís Mauro Sá Martino e Ângela Cristina Salgueiro Marques (2022) aponta para o amalgamento entre política, mídias, entretenimento e cultura pop em uma relação conjunta. Segundo afirmam, “[...] a política aprendeu a linguagem da mídia, e o entretenimento percebeu seu potencial para tratar temas sociais e políticos. Cultura pop e entretenimento não são apenas uma forma de *expressão* política; também são modos de *fazer* política” (Martino; Marques, 2022, p. 17, grifo dos autores). Dessa forma, atualizam-se as linguagens e os sentidos do/no campo político, abrindo caminhos que, até então, pareciam estar inconciliáveis.

Nesse sentido, o trabalho apresentado se propõe a discutir como a imagem de uma diva pop opera no fazer político de Erika Hilton como uma estratégia discursiva e política. Embasados pelo conceito de regionalidades como contrafluxo da diferença (Mafta; Generoso; Procópio, 2023) para uma leitura do fenômeno, avançamos por uma perspectiva discursiva com vistas a entender a construção do *ethos* de diva pop da política brasileira a partir de materiais audiovisuais nos quais Erika Hilton aparece como entrevistada. Partimos do entendimento de que a diferença é aquilo que tanto nos

constitui quanto nos distancia, sendo que, pela linguagem, é possível compreender as processualidades, restrições e potencialidades desenvolvidas discursivamente nos processos de construção de sentido, assim como os arranjos como uma relação de poder definidora e normalizadora do mundo.

A partir das contribuições dos estudos discursivos sobre *ethos*, categoria sócio-discursiva que permite identificar os modos de construir imagens para si através do discurso (Charaudeau, 2011; Maingueneau, 2008), nosso corpus é formado por três entrevistas concedidas por Erika Hilton, listadas abaixo, que foram escolhidas fundamentalmente por serem produções audiovisuais nas quais a tematização da vida forma o elo central das perguntas direcionadas à entrevistada, sendo que, em um momento ou outro, há apontamentos sobre a diva pop e a convocação para construção de si no espaço legislativo:

- 1) Entrevista no *Acessíveis Cast*, podcast gravado em formato audiovisual e publicado no YouTube, com ancoragem de MariMoon e Titi Müller, em 30 de novembro de 2023 (Erika Hilton..., 2023). Total de visualizações: 50 mil; 5,1 mil reações “gostei”, 7 “não gostei”.
- 2) Entrevista no programa *SuperPoc*, transmitido ao vivo e publicado no YouTube, com apresentação de Samira Close, em 24 de maio de 2024 (SuperPoc, 2024). Total de visualizações: 328 mil; 37 mil reações “gostei”, 72 “não gostei”.
- 3) Entrevista no programa *Reconversa*, publicada em trechos no YouTube em 4 de junho de 2024, um ano depois de ser concedida (Erika Hilton, 2024). Total de visualizações: 132 mil; 17 mil reações “gostei”, 735 “não gostei”⁴.

Válido considerar que o discurso político, independente do cargo ocupado pelo sujeito, deve ser capaz de elaborar uma imagem de confiança e credibilidade nas interações entre interlocutores (Charaudeau, 2011). Por conseguinte, cabe o uso de estratégias discursivas, haja vista que o *ethos* depende de uma reciprocidade, porém pode fracassar ou se destacar diante das pessoas. Para a visada discursiva de Dominique Maingueneau (2008), a corporalidade e o caráter são partes integrantes do *ethos*, pois os movimentos no espaço social são importantes para o comportamento e a dimensão física e psíquica. Mariana Procópio (2023) interpreta, a partir das considerações do

⁴ Todos os dados referentes às visualizações e às reações dos internautas na plataforma se referem ao dia 13 de junho de 2024. A tendência é variar conforme o decorrer do tempo.

linguista, que, “a todo texto, corresponde uma voz indissociável de um corpo enunciante, historicamente especificado”, de tal maneira que o caráter se volta aos traços psicológicos e a corporalidade à constituição física e ao vestir-se.

Tendo essas breves considerações teóricas sobre o conceito de *ethos*, parece-nos que, a partir do corpus analisado, há uma relação direta investida na busca pela divatização para a política. Em alguma medida, a figura da diva pop em um espaço não convencional para sua atuação desloca e tensiona configurações estabilizadas para que os atos legislativos possam transcorrer e traz outra imagem para esse espaço com figurinos e produções elaboradas, postura e retórica, maquiagem e cabelo produzido. A conceitualização de regionalidades nos auxilia no entendimento da emergência de contrafluxos que vêm da diferença (Maфра; Generoso; Procópio, 2023). Queremos dizer, à luz das regionalidades, que Erika Hilton representa um tensionamento naquele espaço, por ser uma mulher travesti negra, cujo corpo é alvo obstinado de violências na sociedade e entre os próprios deputados, por meio de insultos e preconceitos desferidos em diferentes sessões parlamentares, assim como pela performance e comportamento adotado. O fato de estar ali é representativo, como ela mesma destaca, constituindo uma “potência transformadora” (Paranhos, 2023, p. 148). Para além, a emergência de contrafluxos a partir da invocação de uma elaboração do próprio corpo e da performance tal como de uma diva pop desloca a centralidade para um fazer político capaz de angariar pessoas distanciadas das lógicas políticas institucionais, mostrando que a política é central para a vida de todas elas, e, também, aproximar-se da centralidade do debate público.

Cabe considerar ainda que a diferença, como afirma Avtar Brah (2006), se ergue com variedade nos discursos, podendo identificar quatro entradas em co-constituição: como *experiência, relação social, subjetividade, identidade*. Tendo por base os *ethé* pré-discursivos de Erika Hilton, existe uma possibilidade de pensar as experiências dela atreladas a quem se é, pelas vivências de uma mulher travesti negra, com passados ligados à vulnerabilidade, mas que, hoje, ascende politicamente e tenta se edificar como uma diva pop da política, que conquista fãs/eleitores. Outra correlação são as relações sociais em que narrativas coletivas são compartilhadas e se entrelaçam. Em uma das entrevistas, Erika Hilton destaca como seus fãs LGBTQIA+ — sobretudo os seguidores das redes sociais que acompanham suas aparições midiáticas — a reconhecem em um

papel maternal e de representação para eles na política (Erika Hilton..., 2024). Em relação a uma diferença como subjetividade, notamos uma correspondência com a dimensão psíquica lembrada por Maingueneau (2008), uma vez são essas dimensões que permitem apreensões sobre posições assumidas socialmente, algo que, nas três entrevistas, percebemos pelas reiteraões discursivas feitas por Erika Hilton para atestar um lugar de diva. Em particular, na entrevista conduzida por Samira Close, em um programa dedicado às divas pop, Erika Hilton diz:

Quando eu brinco que sou uma diva pop com a política, na política, eu tô tentando buscar e despertar exatamente esse sentimento, de uma comunidade que nunca olhou para a política como um ambiente que pertencesse a ela, de uma comunidade que muitas vezes tem ojeriza pela política, pela maneira como ela se desenha e dizer, sabe aquela diva pop que você ama, sabe aquele close que você vê, sabe aquele glow que tem na diva pop, vamos colocar ele na política um pouquinho também, porque a política é sobre a nossa vida, não precisa ser feita de maneira uó, e aí eu tento brincar com esse universo, sem perder a seriedade do que é a política, mas sem perder essa inspiração e essas referências todas que as divas pops, em especial Beyoncé, que é a minha diva pop número um, me dá, me traz, agrega, seja com as fotos, seja com a música, seja com a turnê, seja com... o que é que essa mulher faz? Com os cabelos, com qualquer coisa, bi, ela é perfeita. [Samira Close: cada momento do plenário é um cabelo novo] [...] é uma coisa, é um shine, então... Sim, tem muito disso, tem muito dessa inspiração, dessa força, daquilo que é cantado, daquilo que é falado, daquilo que é projetado através do trabalho que a Beyoncé e outras também, obviamente, promovem sendo mulheres que são nos espaços e com a visibilidade que tem (SuperPoc, 2024, 14min6s–15min15s).

Parece-nos que Erika Hilton fricciona um fazer político canônico marcado em representações distanciadas das pessoas, seja por meio do linguajar jurídico, seja pelo desinteresse provocado na sociedade com os descontentamentos em torno dos atores políticos que ocupam os cargos parlamentares. A fricção ao construir discursivamente uma imagem atrelada às divas pop, como a glamorização, a postura e os embates, torna-se um contrafluxo da diferença, seguindo a proposta conceitual das regionalidades (Mafra; Generoso; Procópio, 2023), em que consegue, em alguma medida, se destacar entre as e os parlamentares, mantendo a coerência nas lutas e defesas em prol das conquistas de direitos humanos. Assim, nas três entrevistas, ocorre uma reiteração das divas pop para si na tentativa de edificar discursivamente esse ethos e, consecutivamente, potencializar aberturas para que diferentes pessoas e grupos sociais possam ter a atenção despertada para o campo político.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, B. G. (Org.). **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023**. Brasília: Distrito Drag; Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), 2024. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2024/01/dossieantra2024-web.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2024.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **cadernos pagu**, [S. l.], v. 26, p. 329-376, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100014>. Acesso em: 13 jun. 2024.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ERIKA HILTON - Acessíveis Cast #20. Entrevistada: Erika Hilton. Entrevistadoras: MariMoon e Titi Müller. [S. l.]: Clap Me e NAVE, 30 nov. 2023. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HaCz3XFvK&t=123s>. Acesso em: 13 jun. 2024.

ERIKA HILTON com Reinaldo e Walfrido: O discurso que mata é crime, não é liberdade de expressão. 4 jun. 2024. [S. l.; s. n.], São Paulo: Solana, 2024. 1 vídeo (58min21s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zw3YgrSUXJQ>. Acesso em: 13 jun. 2024.

LISTER, L. Divatização: A deificação das mulheres popstars modernas. In: SOARES, T.; LINS, M.; MANGABEIRA, A. **Divas Pop: o corpo-som das cantoras na cultura midiática**. 1. ed. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020, p. 111-126.

MAFRA, R. L. M.; GENEROSO, I. M.; PROCÓPIO, M. R. REGIONALIDADES COMO CONTRAFLUXOS DA DIFERENÇA EM CENÁRIOS MIATIZADOS CONTEMPORÂNEOS: o aparecer estético e discursivo na investigação de contextos organizacionais. In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 2023, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos-2023/trabalhos/regionalidades-como-contraflexos-da-diferenca-em-cenarios-miatizados-contempor?lang=pt-br>. Acesso em: 13 jun. 2024.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGUEIRO, L. (Orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.

PARANHOS, W. Travesti não é bagunça! Entrevista com Erika Hilton **Revista COR LGBTQIA+**, Curitiba, v. 1, n. 4, p. 4, p. 146-150, 2023. Disponível em: <https://revistas.cceinter.com.br/CORLGBTI/article/view/570/544>. Acesso em: 13 jun. 2024.

PROCÓPIO, M. R. O corpo como estratégia política: análises discursivas de publicações de/sobre Manuela D'Ávila nas eleições de 2018. In: 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** São Paulo, Intercom, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202312263364dceaa90ac6d.pdf. Acesso em: 13 jun. 2023.

SUPERPOC: CPI das Divas Pop com ERIKA HILTON - EP1 | DiaTV. 24 maio 2024. [S. l.: s. n.], São Paulo: DIA TV, 2024. 1 vídeo (2h03min49s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9n6H2btLwRM>. Acesso em: 13 jun. 2024.